

EDITORIAL | PEER REVIEWED

# Construindo Pontes: Aprendizados e Reflexões da Edição Especial sobre Perspectivas Decoloniais da América Latina

Juan Pedro Zambonini <sup>1\*</sup>, Virginia Tosto <sup>2\*</sup>

<sup>1</sup> Hospital Infantil da Filadélfia, Filadélfia, Pensilvânia, EUA

<sup>2</sup> Universidade de Buenos Aires, Universidade Juan Agustín Maza, Buenos Aires e Mendoza, Argentina

<sup>1\*</sup> [juanzambo@gmail.com](mailto:juanzambo@gmail.com)

<sup>2\*</sup> [virginiatosto@gmail.com](mailto:virginiatosto@gmail.com)

Publicado 3 de novembro de 2025

## Resumo

Este editorial apresenta a edição especial *Perspectivas Decoloniales desde Latinoamérica*, que reúne reflexões de musicoterapeutas latino-americanos que se envolvem criticamente com o pensamento e a prática decolonial. Com base no próprio processo editorial, destacamos seis temas centrais que surgiram através do diálogo entre autores, revisores e editores. Em primeiro lugar, questionamos a suposição de que a localização geográfica por si só torna uma prática decolonial, refletindo sobre o racismo, a desigualdade e as relações de poder no Sul Global. Em segundo lugar, exploramos a identidade como uma construção relacional e processual, em vez de uma categoria essencial. Em terceiro lugar, discutimos como as experiências de migração, marginalização e privilégio moldam de maneira diferente os significados de “decolonização” em diferentes contextos. Em quarto lugar, afirmamos a legitimidade acadêmica da escrita reflexiva e dos ensaios baseados na prática, juntamente com a pesquisa empírica. Em quinto lugar, chamamos a atenção para os padrões de citação e propomos o diálogo regional como um caminho para o conhecimento situado. Por fim, compartilhamos nossas decisões e desafios na tradução de textos entre idiomas e estruturas culturais. Concluímos vislumbrando uma musicoterapia plural, socialmente fundamentada e libertadora, que honra a dignidade, a diferença e o aprendizado coletivo.

**Palavras-chave:** construção do conhecimento; perspectivas decoloniais; musicoterapia; conhecimento situado

O caminho percorrido para levar adiante esta edição especial foi, ao mesmo tempo, trabalhoso e gratificante. Ao longo do último ano e meio, cada reunião e momento

dedicado ao nosso trabalho como editores nos lembrava sempre do compromisso que havíamos assumido: acompanhar os autores e criar, de forma intencional, espaços nos quais tanto eles quanto os potenciais leitores se sentissem convidados a se encontrar para conversar sobre seus pontos de vista sobre a musicoterapia.

Hoje, queremos compartilhar algumas das ideias que discutimos com os autores e revisores à medida que os artigos foram tomando sua forma final. Com isso, e tendo em vista as propostas de nossa chamada inicial (Zambonini e Tosto, 2024), esperamos que vocês possam abordar cada um dos artigos publicados nesta edição como quem se aproxima, com curiosidade e respeito, de experiências que desafiam as chaves interpretativas com as quais costumamos entender a musicoterapia.

Em primeiro lugar, tivemos que desmontar um julgamento prévio e concordar que a localização geográfica em que os musicoterapeutas desenvolvem suas práticas não as torna, por esse único fato, práticas decoloniais. Entendemos que pertencer ao sul global não nos torna, necessariamente, tolerantes com as diferenças culturais ou sensíveis às relações de poder. Pensamos que seria muito enriquecedor para a comunidade musicoterapêutica latino-americana refletir abertamente sobre as questões decorrentes do racismo, da pobreza e da desigualdade no acesso a bens e serviços (Domingos e Cunha, 2017). Todas elas são questões que afetam fortemente as pessoas que atendemos em nosso trabalho diário e a nós mesmos, como profissionais de saúde.

Em segundo lugar, em um mundo globalizado e hiperconectado que, ao mesmo tempo, se orienta cada vez mais para posições nacionalistas (Ghetti et al., 2025), as questões relacionadas com as migrações, os deslocamentos e a inserção em novas sociedades nos levam a questionar a noção de identidade. Identidades subjetivas, culturais, indígenas, latino-americanas, musicais... a identidade é adjetivada de tantas maneiras diferentes!

Mas o que aconteceria se pensássemos na identidade como um processo, e não como uma entidade, uma coisa (Haraway, 2016)? Supomos que isso nos afastaria de uma posição essencialista, a de “ser musicoterapeuta,” e nos aproximaria de uma compreensão do desenvolvimento da disciplina na região de maneira relacional e situada. Isso implicaria reconhecer a musicoterapia como uma disciplina e um campo profissional que cresce em estreita relação com as comunidades das quais faz parte e que luta por obter maior reconhecimento e legitimação social. Seus contornos não seriam definidos apenas nas instituições de formação ou nos marcos regulatórios estabelecidos. Em sua delimitação, intervêm diversos atores (políticos, profissionais, acadêmicos, pacientes) que estabelecem entre si relações de poder, mas também de cooperação e solidariedade que se tornam explícitas nos programas de estudo, em congressos e fóruns, em revistas científicas, em centros de pesquisa, enfim, nos espaços onde a musicoterapia é feita (Latour e Woolgar, 2022).

Terceiro. Quando falamos de decolonização, nem todos falamos da mesma coisa, embora usemos as mesmas palavras. No diálogo estabelecido entre autores e revisores, percebemos que tinha um peso diferente falar de racismo, marginalização ou exclusão a partir da posição de pertencer a uma sociedade do norte global em relação à experiência daqueles que desenvolviam sua vida no sul. Lá, os musicoterapeutas contam com menos apoio econômico por parte do Estado e das comunidades para dar continuidade ao exercício da profissão. No sentido inverso, a imigração e a integração são questões que não parecem ser tão prementes para as sociedades do sul. As palavras se encarnam de forma diferente no corpo daqueles que habitam uma ou outra sociedade (Rivera Cusicanqui, 2010).

Quarto. Não nos escapa que a maior parte dos trabalhos desta edição especial são reflexões sobre as próprias práticas profissionais. É por isso que os textos abundam em descrições que permitem aos autores fundamentar seus pontos de vista e suas propostas. Comemoramos que a *Voices* dê espaço a formatos flexíveis e sensíveis à diversidade de estilos e formas de fazer musicoterapia. Cada vez mais, e com menos pudor, podemos admitir que o desenvolvimento acadêmico disciplinar se fortalece na medida em que o que

publicamos se ajusta ao que pensamos e escrevemos sobre o exercício profissional, cada vez mais entendemos que a diversidade não merece ser entendida em termos de exotismo. Dessa forma, o ensaio (como formato) e as reflexões sobre as próprias práticas (como conteúdo) disputam seu lugar no campo acadêmico disciplinar e buscam compartilhar o rigor e o prestígio dos artigos empíricos e das revisões sistemáticas.

Quinto. Fizemos uma pergunta: quem os autores latino-americanos citam? Quem são suas referências acadêmicas? A resposta é que, em geral, parece haver uma maior consideração pelos autores que publicam nos Estados Unidos, depois pelos autores do próprio país e, em terceiro lugar, pelos autores de outros países da região. Nesse ponto, gostaríamos de propor que conhecer o que acontece com “os vizinhos,” com os outros mais próximos, é uma estratégia para nos reconhecermos graças ao olhar do outro (Segato, 2013). E que isso é o que possibilitaria a formação de redes profissionais, acadêmicas e de pesquisa, responsáveis pela construção de conhecimentos situados na região.

Sexto. Tomamos algumas decisões em relação às traduções. Para realizá-las, utilizamos uma ferramenta de inteligência artificial, tomando todas as precauções para proteger as informações. Cada uma das traduções foi revisada por um falante nativo com o objetivo de verificar a tradução de expressões idiomáticas idiossincráticas. Mesmo assim, sabemos que esses textos traduzidos podem não ser totalmente precisos, mas decidimos correr o risco de publicá-los. Talvez, quem sabe, isso aproxime leitores e autores na tentativa de responder à pergunta: o que você quis dizer quando escreveu isso?

Por fim, no início de cada um dos textos há uma breve nota editorial. Com ela, buscamos convidar o leitor a se aproximar do texto com inquietações ou perguntas, talvez pontos de partida para a leitura.

Algun colega poderia nos dizer que estamos tentando condicionar a leitura... e talvez ele tenha razão. De qualquer forma, trata-se de questionamentos que surgiram em nós quando refletimos sobre cada um dos trabalhos e queremos compartilhá-los com os leitores da revista, pensando que, talvez, eles funcionem como pontes e provocadores de diálogos. Queremos agradecer a todos aqueles que fazem parte desta edição especial da *Voices*.

Pela confiança, paciência, bom humor e esforços realizados, queremos reconhecer o trabalho dos autores, revisores, colegas que participaram da etapa de edição dos manuscritos (Carla Musso e Jimena Franceschi, Sheila Begiatto, Wagner Junio Ribeiro, Katelyn Beebe, Kate Fawcett e Marcus Bull) e, é claro, aqueles que fazem parte da equipe permanente da revista (Sue Hadley, Claire Ghatti, Hanne Fosheim, and Haruna Inagaki). Queremos agradecer especialmente o trabalho da colega Lizandra Maia Gonçalves, que nos acompanhou durante todo o processo com valiosas contribuições de sua expertise profissional e experiência de vida.

Para nós, foi uma tarefa maravilhosa, que nos permitiu abrir diálogos que esperamos que possam continuar. Esperamos ter cumprido nosso propósito de acompanhar os colegas na tarefa de escrever, corrigir, reescrever, revisar e, finalmente, aceitar que nem tudo o que eles queriam compartilhar está no manuscrito, mas que está o que eles escolheram dizer desta vez. Alguns trabalhos serão publicados nas próximas edições regulares da revista, ampliando as discussões sobre conhecimentos e práticas decoloniais. Como editores, entendemos que os artigos apresentados nesta edição podem se somar em solidariedade às vozes dos autores que fizeram parte das edições especiais sobre linguagem e poder e sobre a estética negra publicadas aqui mesmo na *Voices*.

Como dissemos anteriormente, esperamos que esta edição especial contribua para os debates sobre quais são os valores que queremos proteger ao construir a musicoterapia que nossos pacientes e nós precisamos. Uma musicoterapia plural, complexa, que respeite a dignidade de cada um dos envolvidos e que seja verdadeiramente libertadora para eles.

## Sobre os Autores

**Juan Pedro Zambonini** é um musicoterapeuta e pesquisador argentino com experiência na Argentina, México e Estados Unidos. Ele obteve seu doutorado em Musicoterapia pela Temple University e atualmente trabalha no Instituto de Pesquisa do Hospital Infantil da Filadélfia. É membro da Comissão de Educação da Federação Mundial de Musicoterapia. Seus interesses de pesquisa incluem a decolonização da produção de conhecimento, perspectivas antiopressivas, pesquisa de intervenções, as chamadas crianças e jovens em risco, teoria da resiliência, abordagens preventivas, psiconeuroimunologia, pesquisa de métodos mistos, ensino e supervisão clínica.

**Virginia Tosto** é professora na Universidade de Buenos Aires (UBA) e na Universidade Juan Agustín Maza. É doutoranda em Epistemologia e História da Ciência (UNTREF), com foco de pesquisa em cognição musical incorporada. Supervisora clínica, orientadora acadêmica e diretora do projeto de pesquisa “Noções de música na formação de musicoterapeutas” (UMaza). Também é membro da Associação Argentina de Musicoterapia e da Comissão de Desenvolvimento do Conhecimento do Comitê Latino-Americano de Musicoterapia (CLAM).

## Referências

- Domingos, M., y Cunha, R. (2017). Os sentimentos que mulheres negras expressam em atividades musicoterapêuticas. *Anais do XVIII Fórum Paranaense de Musicoterapia*, 18, 79–83. <https://amtpr.com.br/wp-content/uploads/2021/03/2017-XVIII-Anais-Forum-Paranaense-de-Musicoterapia..pdf>
- Ghetti, C., Metell, M., & Hadley, S. (2025). A call to action, not neutrality, in turbulent times [Um apelo à ação, não à neutralidade, em tempos turbulentos]. *Voices: A World Forum for Music Therapy*, 25(1). <https://doi.org/10.15845/Voices.v25i1.4531>
- Haraway, D. J. (2016). *Staying with the Trouble: Making Kin in the Chthulucene* [Permanecendo com o Problema: Criando Laços no Chthuluceno]. Duke University Press.
- Latour, B., y Woolgar, S. (2022). *La vida en el laboratorio. La construcción de los hechos científicos* [A vida no laboratório. A construção dos fatos científicos]. Alianza Editorial.
- Rivera Cusicanqui, S. (2010). *Ch'ixinakax utxiwa. Una reflexión sobre prácticas y discursos descolonizadores* [Ch'ixinakax utxiwa. Uma reflexão sobre práticas e discursos descolonizadores]. Ed. Tinta Limón
- Segato, R. (2018). *Contra-pedagogías de la crueldad* [Contra-pedagogias da crueldade]. Prometeo.
- Zambonini, J. P., y Tosto, V. (2024). Perspectivas decolonizadoras da América Latina: Coordenadas iniciais e anúncio de edição especial. *Voices: A World Forum for Music Therapy*, 24(2). <https://doi.org/10.15845/Voices.v24i2.4323>